



## TENSÃO NA EUROPA

# Trump manda tropas, Putin testa mísseis

EUA anunciam envio de 5 mil efetivos e caças "invisíveis" para reforçar a defesa da Polônia, na fronteira com a Ucrânia. Rússia faz teste de mísseis nucleares em conjunto com Belarus, aliada na linha de frente com a Otan

» SILVIO QUEIROZ

Estados Unidos e Rússia promoveram movimentos que, embora sem conexão direta e aparente, retratam a tensão elevada que fermenta no leste da Europa desde 2022, quando tropas russas invadiram a Ucrânia. Embora não integre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), bloco militar liderado por Washington, a Ucrânia faz fronteira com a Polônia, integrante da aliança, e com Belarus, firme aliada de Moscou. Ontem, para desconcerto dos sócios, o presidente Donald Trump anunciou o deslocamento de 5 mil militares norte-americanos para bases polonesas da Otan, uma semana depois de ter sinalizado para um desengajamento no continente europeu. Paralelamente, Vladimir Putin e o colega bielorrusso, Alexander Lukashenko, conduziram exercícios conjuntos com mísseis de diferentes raios de alcance, capazes de carregar ogivas nucleares.

O zigzague de Trump surpreendeu os chanceleres dos países-membros da aliança, reunidos em Helsingborg, na Suécia, e coube ao secretário de Estado Marco Rubio procurar tranquilizar os parceiros. Dias atrás, o presidente havia determinado a saída de 5 mil efetivos da Alemanha, em aparente resposta a

críticas do chanceler (chefe de governo) Friedrich Merz à condução da guerra no Irã. Em seguida, cancelou o envio de reforços para a Polônia e adiantou a decisão de reduzir também a tropa mantida à disposição da Otan para situações de emergência.

"É confuso, realmente, e nem sempre é fácil de se orientar", declarou a ministra sueca das Relações Exteriores, Maria Malmer Stenegerd. O secretário-geral do bloco, o ex-primiê holandês Mark Rutte, recebeu com agrado a reviravolta, de olho na reunião de cúpula prevista para julho na capital turca, Ancara. O chanceler da Noruega, Espen Barth Eide, procurou fazer o meio-termo. "O importante é que isso aconteça de maneira estruturada, de forma que a Europa seja capaz de se reforçar quando os EUA reduzirem sua presença", ponderou. "Nada disso é surpreendente, embora eu entenda perfeitamente que possa gerar certa inquietação", respondeu Rubio.

Além de descontente com a reticência dos parceiros da Otan em apoiar efetivamente os EUA na guerra contra o Irã, em particular quanto ao bloqueio naval no Estreito de Ormuz, Trump cobra, desde seu primeiro mandato, maior participação dos demais nos gastos da aliança. "Donald Trump tem mantido uma postura hostil em relação à Europa, e isso ficou claro na última reunião

Belarusian presidential press service/AFP



O presidente de Belarus, Alexander Lukashenko, assiste a exercícios nucleares conjuntos com a Rússia

do Conselho da Otan, quando exigiu que aumentassem suas contribuições", disse ao **Correio** Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais da UnB. "O orçamento anual do bloco é da ordem de US\$ 1,5 trilhão, e os EUA pagam quase 60% desse valor."

### Cara a cara

Centro nervoso do flanco oriental da Otan, a Polônia recebeu os primeiros três caças norte-americanos F-35, dos mais modernos e evasivos aos radares, de um lote de 32 encomendados em 2020.

A chegada dos aviões, somada ao anúncio dos reforços, atende às preocupações do premiê Donald Tusk e do presidente Karol Nawrocki — este, um aliado fiel de Trump. Ambos vêm manifestando inquietação com a movimentação militar russa na vizinha Belarus, e alertam

os parceiros da aliança para o risco de que Putin arraste o aliado Lukashenko para uma participação mais direta na guerra da Ucrânia.

O alarme voltou a soar com as imagens do presidente bielorrusso participando, pela primeira vez, de exercícios conjuntos com a Rússia para o uso de armas nucleares estratégicas e táticas. As operações incluíram o lançamento de mísseis balísticos Iskander-M, com capacidade para carregar ogivas atômicas à distância de até 500km. Eles estão armazenados em uma base a menos de 200km da fronteira ucraniana. Lukashenko e Putin ordenaram, juntos, o lançamento de um míssil hipersônico intercontinental Yars, que voou 5.700km em 20 minutos até o alvo designado.

"A Polônia, desde fevereiro de 2022, recebeu centenas de milhares de ucranianos, por conta do conflito com a Rússia", lembra o professor da UnB. "E tem sido uma porta de entrada e saída para quem quer transitar entre o território europeu e a Ucrânia." Nikolai Mitrokhin, da Universidade de Bremen (Alemanha), chama a atenção para "o desenvolvimento súbito dos acontecimentos, sem razão externa aparente". Estudioso do conflito na Ucrânia, ele acredita que "está em andamento algo de vulto, com significado para a política mundial, incluindo a possível transferência de armas nucleares".

## CUBA

# Marcha em defesa de Raúl Castro em Havana

Milhares de cubanos atenderam ao chamado do governo comunista e se manifestaram diante da embaixada dos Estados Unidos, em Havana, em apoio ao ex-presidente Raúl Castro. Irmão de Fidel Castro, que comandou o país desde a revolução de 1959 até adoeecer, em 2006, Raúl, hoje com 94 anos, é o mais importante entre os líderes do regime. Nesta semana, foi indiciado por assassinato na Justiça dos Estados Unidos, como parte da pressão de Washington sobre a ilha, que incluiu um drástico bloqueio energético e o deslocamento de um porta-aviões para o Caribe,

além de ameaças repetidas de uma intervenção militar.

"Viva Raúl!", entoavam os manifestantes, liderados pelo presidente Miguel Díaz-Canel e outros dirigentes em uniformes militares. O próprio Raúl não esteve presente, mas foi representado por parentes. A filha Mariela, deputada na Assembleia Nacional, falou aos jornalistas e rebateu as acusações feitas aos pais nos EUA. "Esse processo não é viável, viola tudo que é estabelecido legalmente nos próprios EUA, embora eles (o governo de Donald Trump) façam tudo que querem e violem até a Constituição", afirmou. "Ninguém

vai sequestrá-lo, nem a ele nem a ninguém. Estamos preparados para combater o imperialismo."

O ato contou também com a participação de Alejandro Castro, outro filho de Raúl e tido como um personagem-chave nas negociações secretas que levaram, em 2015, ao reatamento de relações diplomáticas entre Cuba e EUA, após meio século. Também estiveram presentes netos do ex-presidente, entre eles Raúl Guillermo Rodríguez Castro, oficial do Exército que desempenha papel importante nas difíceis conversas em curso com Washington, há vários

meses, apesar do recrudescimento unilateral das sanções.

O irmão mais novo do falecido Fidel Castro (1926-2016), inimigo declarado de Washington, foi indiciado na quarta-feira por matar americanos, em 1996. Na ocasião, dois aviões civis pilotados por membros de uma organização anticastrista, os Irmão pelo Resgate, foram derrubados perto da costa de Cuba, quando orientavam cidadãos que deixavam a ilha por mar, rumo à Flórida. Quatro cubanos-americanos morreram. Na época, Raúl Castro era ministro da Defesa.



Retratos do ex-presidente diante da embaixada dos EUA em Cuba

## CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ  
SILVIOQUEIROZ.DF@GMAIL.COM

# Faltou combinar com o Trump

Planalto, em particular, preferia que os próximos meses, até outubro, pudessem ser reservados para a batalha da reeleição — com o intervalo inevitável da Copa do Mundo, que antecede a sucessão presidencial a cada quatro anos. Por escolha, os principais movimentos na frente externa foram concentrados no primeiro semestre. Houve tempo até para Lula ir à Casa Branca encontrar Donald Trump.

Mas justamente o coanfitrião da bola parece disposto a atravessar o enredo costurado para a disputa acirrada — e tormentosa — que se anuncia por aqui. Os sinais reiterados de uma operação militar em preparo contra Cuba colocam a política externa em modo de sobreaviso, e o Itamaraty em prontidão.

Por tudo que pode representar não apenas para a ilha, mas para toda a América Latina, uma possível intervenção dos EUA para derrubar o regime comunista de Havana não dá margem para o "deixa disso". O Brasil e os demais governos da região estarão desafiados a escolher entre aceitação passiva ou contestação ativa.

Com os planos traçados para uma imersão quase completa na campanha eleitoral ameaçados, Lula se vê diante da questão que, reza a lenda do futebol, Garrincha teria feito ao treinador da Seleção, na Copa de 1958, antes da partida contra a União Soviética. Na preleção em que Vicente Feola detalhou na prancheta a tática de jogo, detalhando passo a passo o caminho para o gol, o

anjo das pernas tortas teria perguntado: "O senhor já combinou com os russos?"

### É a cabeça

Afora as ameaças quase diárias, o bloqueio naval ao petróleo e, agora, o deslocamento de um porta-aviões para o Caribe, um indicador de invasão à vista é o indiciamento de Raúl Castro pela Justiça dos EUA. Uma ação para capturar o ex-presidente, irmão de Fidel e símbolo vivo da geração revolucionária de 1959, repetiria o sequestro fulminante de Nicolás Maduro, na Venezuela, em janeiro último.

Como abordagem para uma mudança de regime, pode ter funcionado, ao menos em parte. A matriz dessa tática é uma doutrina político-militar que preconiza a derrota de

um inimigo pela decapitação súbita da liderança. Parece ter servido na Venezuela, ao menos por ora. Mas falhou duas vezes no Oriente Médio: no Iraque de Saddam Hussein, em 2003, e agora no Irã.

### Doutrina Donroe

Mais até que a estratégia da decapitação, é outra doutrina — essa, sim, formulada publicamente — que parece fundamentar a ofensiva contra Cuba. Em fins de 2025, primeiro ano do atual mandato, Donald Trump formalizou sua estratégia de Defesa Nacional, documento exigido de todo presidente estadunidense.

A versão trumpista foi apresentada como uma atualização da traçada há dois séculos por James Monroe. Na época, os EUA se projetavam como contraponto ao colonialismo europeu sob o lema "A América para os americanos". Hoje, a Casa Branca identifica a China em ascensão como adversário principal a sua hegemonia geopolítica.

O conceito data do período de Barack Obama, mas Trump aponta a América Latina como palco prioritário para a contenção da ameaça chinesa. Nos círculos mais próximos ao presidente, inclusive no Departamento de Estado, a região volta a ser referida como "o quintal".

Não por acaso, o documento estratégico de 2025 foi batizado como Doutrina Donroe.

### Vizinho de porta

É por essa perspectiva que Planalto e Itamaraty acompanham a crise política na Bolívia, onde se ensaia um levante social contra o recém-empossado presidente Rodrigo Paz. Eleito com discurso de centro-direita, ele interrompeu duas décadas de governos de esquerda.

Agora alinhado aos EUA de Trump, Paz é objeto dos cuidados de Washington. O secretário de Estado Marco Rubio já fala em possível intervenção para brevar o que denunciou como uma tentativa de golpe de Estado.